

**OS DEZ ANOS DE NIEMAR NO CENTENÁRIO DE JOSÉ GODOY GARCIA:  
EXPERIÊNCIAS URBANAS NAS INVISÍVEIS CIDADES DO CERRADO**Ana Clara Magalhães de Medeiros (UFAL)<sup>1</sup>

**Resumo:** 2018 marca o centenário de nascimento de José Godoy Garcia, poeta goiano que merece espaço ao lado de nomes máximos da lírica brasileira. Ano que comemora também a primeira década de publicação de *Niemar* (2008), livro de Augusto Rodrigues, poeta goiano-brasiliense que adotaria, posteriormente, o *heteronome* de Augusto Niemar. Esta proposta relaciona as experiências urbanas expressas no livro de 2008, na geopoética de *Araguaia Mansidão* (Godoy Garcia, 1972) e um conjunto inumerável de marcas de poetas que viveram de solidão na multidão do cerrado. Nesta perspectiva, nomes como Italo Calvino e Walter Benjamin emergem como nossa principal orientação teórico-crítica para o ato de pensar poesia e cidade.

**Palavras-chave:** Literatura Goiana; Poesia do Centro-Oeste; Experiência.

Da poesia de cerrado, entre cidades antagônicas tão iguais, natureza e concreto despontam como pilares de uma poética goiana (centroestina) que se responde enquanto se inscreve (silenciadamente) em vãos e vias da literatura brasileira. Esta investigação de poesia de campo, cultura popular e insurgência de uma intelectualidade marginal no coração-altiplano do Brasil procura homenagear, apresentar e amplificar as letras goianas nos cem anos de nascimento de um dos seus que sonhou liberdade como a casa de morar povo – José Godoy Garcia, poeta nascido em Jataí – Goiás, morto em Brasília – DF.

A partir da premissa de leveza, de Italo Calvino, do conceito bakhtiniano de responsividade (BAKHTIN, 2006) e da noção de "poética popular do cerrado" (MEDEIROS; SILVA JUNIOR, 2018), traça-se percurso crítico comparado por versos incrustados no interior do Brasil entre a segunda metade do século XX e a primeira do XXI. Se o estado de Goiás e a capital nacional que nele se insere constituem espaço histórico de passagem de tropas e boiadas, viajantes, candangos e gerais, a literatura aí erigida lança-se como lócus de habitação humana – homens e mulheres simples que engendram um povo, povo que impulsiona o fazer literário das coisas mais simples. Jataí, Goiânia, Brasília, os rios Araguaia, das Almas e Lago Paranoá são espaços singulares que edificam uma literatura de campo múltipla e polifônica: nela falam José Garcia Arco-Íris, Augusto sem-mar, Cassiano Nunes, Anderson Braga Horta, Cora Coralina, Bernardo

---

<sup>1</sup> Professora de Estudos Literários na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: a.claramagalhaes@gmail.com.

Élis... Tropa poética que habita o interior do país, desconhecido pelo litoral, sistematicamente, desde o período colonial.

O objeto lírico nos convoca. Começemos por versos do jataiense centenário:

O Araguaia desce as mil léguas de seu silêncio.  
Às suas margens, o homem.  
A ruína do homem, às suas margens.  
É um rio silencioso. Rio solidário.  
Um rio que se embebeu dos anos da vida humana,  
às suas margens.

Água grande  
Água pequena  
– Araguaia Mansidão  
(GARCIA, 1999, p. 277).

Trata-se da segunda das onze estâncias que compõem “Minha saga pelo Rio Araguaia”: título do poema derradeiro do livro de 1972. Espécie de épico (porém simples, povoado por gente pobre e humilde, nos espaços ermos de Goiás) que narra uma saga íntima do poeta pelo Rio Araguaia. Rio nascido entre vãos goiano-mato-grossenses, personagem maior da obra cujo título se erige das redondilhas maiores em que desaguam águas grandes e águas pequenas: “– Araguaia Mansidão”.

Rio silencioso e solitário, mais humanizado que os próprios homens – estes em ruínas: “Às suas margens, o homem./A ruína do homem, às suas margens”. Na lógica poética, a humanidade constrói-se à mercê do rio, “às suas margens” e a relação poeta-natureza se constrói assim espelhada: versos tecidos n’água, de água, corredeira intensa, mas em mansidão. Assim, desponta livro que é também rio, fato evidenciado na dedicatória do mesmo:

Este rio é de Isabela  
Zé  
Antônio  
Ethel  
Julius  
Angelina  
Zélia  
Sérgio  
(GARCIA, 1999, p. 207)

Poeta de consciência lírica profunda, faz poesia desde a dedicatória. Não qualquer poesia, mas aquela que é metáfora de rio, no discurso e na forma – feito o próprio livro – como abertura de uma obra cuja centralidade é a beleza do humano enquanto cingido à natureza. Como dissemos em outra oportunidade sobre o mesmo poeta:

Desta conjuntura, erige uma tipologia homínida essencial para a poesia goiana, de que Araguaia Mansidão é partícipe refinado: o homem cerratense. Este que habita as “mil léguas” de silêncio do Araguaia, de Mato Grosso a Goiás, à espreita em suas margens, numa existência de transformação secular, contínua e mútua entre homem e rio. “Água grande/Água pequena” – curso das águas e curso da vida humana, construções e ruínas que conformam o existir no Centro-Oeste brasileiro: ser grande e ser pequeno, ser Araguaia em mansidão (MEDEIROS; SILVA JR, 2018, p. 96).

Fazer poesia, para Godoy Garcia, é escrever vida, como está dito no seu meta-poético “Para escrever a vida” (também de *Araguaia Mansidão*). Escrita como esforço maior de ser a própria experiência do homem cerratense:

Para escrever a vida  
primeiro se escreve  
a vida de um pássaro  
e a viagem que o homem  
e a mulher fazem  
no barco das estradas  
nos dias, nos anos.

Tudo se escreve dessa viagem,  
o que acontece e o que não acontece,  
o que é silêncio e o que não é silêncio,  
o que é dia e o que é noite,  
o que é rio e o que é chão.  
(...)  
(GARCIA, 1999, 234).

Lírica das coisas mais simples, como foram as poéticas de Manuel Bandeira e Cassiano Nunes. Conjunto de artistas que revela as tensões de uma poesia nacional dialógica e responsiva, mas com nuances severamente silenciadas pelo arbítrio do cânone (muito mais pautado em aspectos editoriais e mercadológicos que estéticos ou éticos).

“Tudo se escreve dessa viagem” porque toda experiência humana constitui matéria de poesia. Aqui, evidentemente, estamos pensando com o conceito deslindado por Walter Benjamin em “Experiência e pobreza”:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano.

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. (...) Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie (BENJAMIN, 1984, p. 114).

Na contramão da incapacidade de experimentar ou de narrar experiências – como dizia o mesmo crítico alemão já no ensaio “O narrador” –, nossos poetas centro-oestinos da segunda metade do século XX e dos começos do XXI procuram superar a “nova barbárie” da nossa confessada pobreza ascendendo o “frágil e minúsculo corpo humano” do indivíduo do interior do país à condição de matéria poética ainda resultante de experiências autênticas, bem como provocadora de experiências ético-estéticas no leitor.

No Centro-Oeste periferia do Brasil, por sua vez periférico em relação à Europa, surge uma poética de resistência da experiência – que quer narra o que acontece tanto quanto o que não acontece, a voz e o silêncio, o que é pássaro, mulher, estrada, rios. Poética da experiência emprestada e respondida nos versos do poema-abertura de *Niemar*:

## ASAS

Cidade planejada  
que não se define  
que se indefine  
no pecado premeditado  
de um plano piloto

e todo pecado pressagia  
uma esquina  
uma quadra  
uma fala talvez...

cidade capital  
de mais de dois milhões  
de pecados capitais  
cidade de mais de dois  
milhões de foliões

cidade enquadrada:  
remidos os nomes dos homens  
condenados os que nasceram  
depois da fundação

o livre arbítrio é sempre planejado  
como o passo na calçada  
o poema em verso vidro  
o trilho na estação

e todo pecado presente a idéia de perdão  
(RODRIGUES, 2008, p. 9).

Com Augusto Rodrigues, observa-se fenômeno inédito na poesia brasileira: o título do livro, *Niemar*, com o desenvolvimento da poética do autor, passa a ser incorporado como heterônimo do próprio poeta que, a partir de *Centésima página* (Portugal, 2015), passa a utilizar oficialmente a assinatura artística de Augusto Niemar.

Extraído do livro primeiro, agora já dez anos mais velho, o poema “Asas” lança o leitor (também cerradeiro) nos pecados indefinidos da urbe – fenômeno tão estudado por Walter Benjamin a respeito de Charles Baudelaire. A “cidade planejada”, “cidade capital”, “cidade enquadrada” é pecado encravado no estado de Goiás à espera do perdão.

Numa poética de cidade, que lembra as *Cidades invisíveis* de Italo Calvino, cada poema revela uma Brasília. Na esteira da poética das coisas mais simples, tributária de uma relação nova (por reveladora) com a natureza, Rodrigues/Niemar é herdeiro de

Godoy Garcia e não se furta de convocar a experiência da leveza a partir da contemplação ativa do mundo natural:

(...)  
o ipê verde é verde sempre  
a árvore verde é verde mesmo  
o verde quer ser visto para ser  
o homem quando quer ver  
vê no ipê verde: flores verdes de cor  
e o homem inventa: o ipê furta-cor  
(RODRIGUES, 2008, p. 83).

A última estrofe do último poema (“Ipês amarelos”) do único livro do poeta goiano publicado em Goiás revela o dialogismo profundo – em tema e forma – com a lírica ensejada em *Araguaia Mansidão*. Os versos alicerçados na estrutura sujeito + verbo *ser* + predicativo fazem da poesia algo natural como estar no mundo, como viver a cidade, como “escrever a vida”. Fórmula fácil que, à luz da grande cronista sobre Brasília, Clarice Lispector, só se consegue através de muito trabalho.

Enfim, a vitalidade da poética cerradeira neste recente século XXI revela que a literatura brasileira permanece em formação até os nossos dias – um ano depois da morte de Antonio Candido. Esta arena lírica que propusemos está certamente habitada pelo poeta da solidão e das “amplidões da Asa Sul”, o migrante Cassiano Nunes; pelo tabuleiro de xadrez revelador da cruenta saga brasiliária, de Anderson Braga Horta; pelos *caminhos e descaminhos* de um Bernardo Élis também poeta; pela menina feia da ponte da lapa de Vila Boa de Goiás, Cora Coralina, a quem saudamos como voz sedenta de uma poesia natural como estar vivo, como ter sede, como experimentar um mundo pelo doce da palavra:

Esta fonte é para todos os sedentos  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
a não entres seu uso  
aos que têm sede  
(CORALINA, 1997, p. 139).

Poesia goiana, literatura de campo vicejante, é esta formada de páginas, sons e corpos que se abrem a todos os que têm sede – de existir feito palavra em carne e verso.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin – Obras escolhidas. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

GARCIA, José Godoy. Araguaia Mansidão. *Poesias*. Brasília: Thesaurus, 1999. p. 207-284.

MEDEIROS, Ana; SILVA JUNIOR, Augusto. José Godoy Garcia e a poética popular do cerrado: literatura de campo e história do Centro-Oeste. *Revista Nós – cultura, estética e linguagens*. Vol. 3, n. 1, fev. 2018, p. 93-105. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/issue/view/427/showToc>. Acesso em: 30 ago 2018.

RODRIGUES, Augusto. *Niemar*. Goiânia: Vieira, 2008.